

Cláudio Laks Eizirik

Psicanálise,
uma obra em
construção

ARTES & ECOS  Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

SUMÁRIO

- 11 Prefácio
- 19 Cláudio Laks Eizirik: um psicanalista do seu tempo
- 29 Introdução
- 31 A pessoa do analista: uma obra em construção
- 45 Neutralidade psicanalítica: estudo evolutivo
e uma proposta de conceito
- 75 Um novo olhar sobre a neutralidade analítica
- 81 A ética da psicanálise e seus desafios
- 95 Transferência, contratransferência, campo
analítico e enquadre: evoluções
- 123 A intimidade compartilhada no campo analítico
- 135 Em busca do infantil na velhice
- 145 A maleta do analista
- 155 Vivendo tempos caóticos na clínica psicanalítica
- 163 Tradição-invenção em psicanálise
- 177 As cidades do analista
- 185 Psicanálise como uma obra em construção
- 195 A psicanálise em um mundo em transformação
- 201 O pai, a função paterna, o princípio paterno:
considerações a partir de aspectos da vida e da
obra de Carlos Drummond de Andrade

*Para a Marisa, amorosa e inspiradora companhia
ao longo da vida, que, entre tantas coisas, me
sugeriu o título e o conceito deste livro.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor e os valores da vida; aos meus irmãos, Nelson e Décio, pelo companheirismo e a amizade; aos meus filhos Eduardo e Mariana, à Laura e ao Guilherme, às minhas netas Sofia, Manuela, Clara e Victória, pelo amor, pela paciência e pela inspiradora convivência; aos meus analistas, supervisores e professores; aos meus amigos e amigas; aos meus pacientes, supervisionandos e alunos; aos meus amigos Virgínia Ungar, Cátia Melo e Jair Knijnik, por seus belos textos; ao Lucas Krüger, pela ideia e a realização deste livro; às minhas “almae matres” intelectuais e afetivas, a UFRGS, a SPPA e a IPA. Todas e todos eles me ajudaram a ser a pessoa e o psicanalista que eu sou.

Prefácio

O encontro e a amizade

Há vínculos que nascem de uma coincidência que o tempo acaba revelando ter sido algo mais do que isso. Em 2005, Cláudio Eizirik foi eleito presidente da Associação Psicanalítica fundada por Freud (a IPA); nessa mesma ocasião, eu fui eleita como representante latino-americana na Junta Diretiva. Quinze anos mais tarde, fui eleita para presidi-la, tornando-me a primeira mulher a ocupar esse lugar em toda a história da instituição.

Nesse longo percurso compartilhado, Cláudio foi para mim muito mais do que um colega: ele me ensinou quase tudo o que sei sobre a tarefa institucional, sobretudo sobre como sustentar com integridade uma responsabilidade que nos transcende. Nós dois crescemos guiados pelo que Horacio Etchegoyen soube formular com precisão insuperável: que, na psicanálise, a ética não é um acréscimo, mas o próprio fundamento de nossa prática. Desse solo compartilhado nasceu, sem que o buscássemos, uma amizade que se mantém até hoje.

Escrever o prefácio deste livro é algo mais do que uma honra acadêmica. É também um ato de reconhecimento pessoal em relação a alguém cujo pensamento acompanhou o meu durante décadas, e cuja maneira de habitar a psicanálise — com rigor, com humildade e com uma curiosidade que não envelhece — continua sendo para mim uma referência viva.

Uma obra em construção

O título deste livro não é uma metáfora modesta. É, antes, uma declaração de princípios. Cláudio Eizirik há mais de cin-

Chego ao final deste prefácio com a mesma sensação com que o comecei: a de que prefaciá-lo é um ato de reconhecimento em relação a alguém cujo pensamento foi, para mim, muito mais do que uma referência intelectual. Ao longo de décadas compartilhadas na IPA, em congressos, em conversas que se prolongavam para além dos protocolos institucionais, em visitas a museus, em viagens também em família, Cláudio me ensinou que a integridade no exercício da psicanálise não se proclama, mas se encarna no consultório, na instituição, na vida social. Este livro é testemunho dessa encarnação. E ao lê-lo, o leitor não encontrará apenas o pensamento de um analista maduro e rigoroso: encontrará também a pessoa que há por trás, com seu humor, sua curiosidade incansável, sua capacidade de nostalgia e sua coragem para continuar fazendo perguntas. Como diria Guimarães Rosa: o que ela quer da gente é coragem. A Cláudio, felizmente, nunca faltou.

Virginia Ungar¹

Buenos Aires, março de 2026

1 Membro efetivo com funções didáticas da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), ex-presidente da IPA e Prêmio Sigourney de Psicanálise.

Cláudio Laks Eizirik: um psicanalista do seu tempo

Cátia Olivier Mello¹ e Jair Knijnik²

A pessoa

*Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor. Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar. Por isso me dispo.
Por isso me grito, por isso frequento os jornais,
me exponho cruamente nas livrarias: preciso de todos.*

Carlos Drummond de Andrade, 1940³

Falar sobre Cláudio é muito fácil. Há muito o que dizer, mas há também muito o que sentir e lembrar. Seminários, supervisões, palestras, grupos de estudo. Mas também conversas orientadoras e incentivadoras, conversas só para conversar, risadas e bom humor para levar a vida mais leve... trocas de impressões sobre viagens, arte, literatura, dicas de filmes e livros. **Preciso de todos**, diz o poema. Sim, Cláudio precisa de todos, mas o faz sempre e principalmente, junto e bem de perto.

-
- 1 Membro efetivo com funções didáticas da SPPA e professora e supervisora do CE-APIA – Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência.
 - 2 Membro efetivo e Analista didata da SPPA, professor e supervisor do Curso de Especialização em Psicoterapia Analítica do CELG.
 - 3 Todos os trechos de poema citados neste texto são do poema Mundo Grande, de Carlos Drummond de Andrade.

Introdução

Ao longo de uma trajetória acadêmica e psicanalítica que teve início na década de 1970, do conjunto das inúmeras atividades que a compõem, a pesquisa, a escrita de trabalhos e sua publicação — seja em periódicos, em capítulos de livros, ou a organização, com queridos colegas, de vários livros — sempre constituíram uma parte ao mesmo tempo trabalhosa e prazerosa.

A partir da década de 1990, de forma crescente, meus textos foram se dirigindo e progressivamente se concentrando na psicanálise, por meio de temas, interesses, conceitos, e também de convites para apresentações em eventos dos mais variados, no Brasil e no exterior, quase todos nascidos de minhas experiências e desafios na clínica, no ensino e na supervisão, e na vida institucional.

Tendo escrito e publicado extensamente sobre a neutralidade possível, a transferência e a contratransferência, o campo analítico, a pessoa do analista, os aspectos emocionais do envelhecimento de pacientes e analistas, a intimidade, as relações da psicanálise com a cultura, a formação analítica e suas inúmeras dimensões institucionais, entre outros temas, de tempos em tempos me ocorria a ideia de que muitos desses trabalhos ou capítulos de livros se encontravam dispersos e que talvez algum dia pudesse ser interessante, para mim e para os possíveis leitores, tentar reunir alguns deles sob a forma de um livro. Algumas razões, de natureza prática e também emocional, me levavam a adiar a concretização dessa ideia.

Um dos presentes mais apreciados que recebi pouco depois de celebrar os 80 anos foi uma mensagem do psicanalista e editor Lucas Krüger, dizendo que havia lido alguns de meus trabalhos

e que adoraria que publicássemos, pela Artes & Ecos, uma compilação de meus textos.

Gostei muito do convite, pusemos mãos à obra, e o resultado é *Psicanálise, uma obra em construção*.

Para mim, além do prazer desta empreitada, o desafio foi selecionar quais trabalhos seriam representativos desta já longa trajetória, que, como disse André Green em sua introdução a *Sobre a loucura privada*, pode ser considerada um testemunho do que pensou e viveu na clínica, no ensino e nas instituições um psicanalista brasileiro na segunda metade do século XX e na primeira do XXI.

Por que estes textos e não inúmeros outros disponíveis para essa escolha?

Penso que são os trabalhos mais ilustrativos, ao meu juízo, dos principais temas que estudei e sobre os quais escrevi. Mas, mais do que isso, são textos com os quais tenho uma relação talvez mais viva e uma experiência emocional mais intensa, seja pelo momento em que foram escritos e apresentados, seja pelo que representam de minha longa história de amor com a psicanálise.

A pessoa do analista: uma obra em construção¹

Sempre é muito bom esse reencontro no início de cada ano de estudos, ocasião em que podemos dar as boas-vindas aos novos analistas em formação e retomar, em suas várias formas, a nossa conversa interminável sobre a psicanálise.

Temos várias características muito sólidas e profundas em comum. Aprendemos a seguir a atitude de três mestres da suspeita, Freud, Nietzsche e Marx (além de muitos outros), como os chamou Paul Ricoeur (1970): pessoas e pensadores que não aceitaram as aparências, a convencionalidade, o mundo como parecia ser, mas que foram além, em uma busca incansável e sem concessões de possíveis causas, significados, correlações, mistérios e enigmas que subjazem ao que parece ou àquilo que a ordem estabelecida quer nos fazer crer que são. No nosso caso em particular, aprendemos a buscar indícios, sinais, possíveis evidências da dimensão inconsciente, praticamente infinita e cognoscível de forma apenas parcial, que se mostram através dos sonhos, na transferência, na contratransferência, ou, mais precisamente, nas múltiplas e cambiantes expressões do campo analítico, essa notável mudança paradigmática da psicanálise proposta e desenvolvida a partir de 1961, na América Latina, pelo casal Baranger (1961-62), a qual continua sendo ampliada e transformada por inúmeros autores contemporâneos.

Temos em comum a experiência da formação analítica, constituída por nossas análises, supervisões, seminários e grupos de

1 Uma primeira versão deste escrito foi apresentada na Aula Inaugural do Instituto de Psicanálise da SPPA, em março de 2025, e publicada na Revista de Psicanálise da SPPA, v.32, n.2:451-463.

Neutralidade psicanalítica: estudo evolutivo e uma proposta de conceito¹

*Chega mais perto e contempla as palavras,
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo estudar a evolução e o estado atual do conceito de neutralidade analítica. Embora se trate de um conceito central, praticamente desde os primórdios da prática analítica, sendo altamente improvável que cada psicanalista não tenha sido profundamente influenciado por alguma versão do mesmo, seja qual for sua orientação teórica (Franklin, 1990), vários fatos tornam este estudo ao mesmo tempo difícil e estimulante.

O primeiro deles é que se trata de uma palavra que nunca foi utilizada por Freud, em toda a sua vasta produção científica. Conforme observaram Basch (1983) e Hoffer (1985), a palavra

1 Uma versão ampliada deste trabalho, intitulada “A neutralidade psicanalítica: uma contribuição ao seu estudo” foi apresentada na SPPA, em 16 de julho de 1992. Outra versão, com o título Entre a Escuta e a Interpretação: *Um Estudo Evolutivo da Neutralidade Psicanalítica*, foi publicada na Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Vol I, n.1:19-42.

Um novo olhar sobre a neutralidade analítica¹

A neutralidade analítica é a posição, tanto comportamental quanto emocional, a partir da qual o analista, em sua relação com o paciente, observa, sem perder a necessária empatia, mantendo uma certa distância possível em relação: 1. ao material do paciente e à sua transferência; 2. à contratransferência e à sua própria personalidade; 3. aos seus próprios valores; 4. às expectativas e pressões do meio externo; e 5. à(s) teoria(s) psicanalítica(s). Tal posição não implica ausência de espontaneidade ou naturalidade, mas o reconhecimento de que a manutenção de uma certa distância possível em relação a esses cinco aspectos é o elemento que nos permite um contato e comunicação crescentes e mais profundos com o mundo interno do paciente, com o objetivo de atingir os fins terapêuticos a que ambos nos propomos. Uma certa distância possível é uma expressão propositalmente ambígua. Admite a necessidade de uma distância, mas reconhece que é relativa; ao mesmo tempo, com o possível, pretende-se enfatizar que estamos tratando de uma posição constantemente ameaçada, por influências internas e externas, e que tentamos manter dentro das possibilidades. (Eizirik, 1993)

Esta foi a proposta de conceito da neutralidade analítica que formulei e publiquei há exatos 33 anos, depois de uma imersão exaustiva em toda a bibliografia psicanalítica disponível em português, espanhol, inglês e francês. Nesta definição estão incluídas as principais contribuições que encontrei, e minha própria visão do conceito, naquele momento. O tema da neutralidade me inte-

1 Uma primeira versão deste escrito foi apresentada no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPS, em 2019. A versão aqui publicada é uma reescrita.

A ética da psicanálise e seus desafios¹

A dimensão ética diz respeito ao campo de nossas relações conosco mesmos e com os outros, mediada, explícita ou implicitamente, por códigos de prescrições e proibições, que visam legitimar padrões de conduta. Mais especificamente, a ética envolve os seres humanos em relações reflexivas consigo mesmos e com os outros. A figura metafórica da dimensão ética é a casa, o lar, o espaço em que vivemos. Etimologicamente, *ethos* é a raiz de hábito, práticas, caráter, residência. O lar é um lugar de abrigo, contendo as condições para a possibilidade de proteção, alimentação e prazer. Tomar posse de nosso trabalho é adquirir alguma forma de serenidade em experimentar a vida fora desse abrigo, viver os desafios e as possibilidades numa dupla condição de existência, sendo jogados num mundo que não foi escolhido e reconhecer a necessidade de construir, ao mesmo tempo, um mundo interno e um mundo externo nos quais viver. As relações com os outros são construídas nessa mediação, onde há, ao mesmo tempo, confiança e risco, diferenciação e proteção, responsabilidade e desafios (Figueiredo, 1995).

Assim, vou utilizar essa metáfora de lar, de casa, de espaço em que vivemos, num sentido psicanalítico: vivemos num mundo externo e num mundo interno; na nossa mente e no nosso corpo; no passado e no presente; nos sonhos que sonhamos enquanto dormimos ou estamos acordados; nas relações amorosas que tivemos ao longo da vida, que temos hoje e que fantasiemos ainda ter ou nunca ter tido; nas vidas, nas fantasias, nos sonhos e nas lem-

1 Aula de abertura dos cursos de 2023, do Instituto de Psicanálise da SBPRJ. Uma primeira versão deste escrito, com o título *A ética da psicanálise hoje* foi publicada na Revista Trieb, vol.22,n.1:185-197, 2023.

Transferência, contratransferência, campo analítico e enquadre: evoluções¹

A relação analítica nos oferece o cenário para compartilhar com nossos pacientes a narrativa de suas vidas, de seus sofrimentos psíquicos e da história de seus vínculos de intimidade, de agressividade e de suas inevitáveis solidões.

Neste capítulo, descreverei as contribuições que me parecem mais relevantes para entender e trabalhar com aspectos que definem a relação analítica: a transferência, a contratransferência, o campo analítico e o enquadre. A seguir, refletirei como foi trabalhar com esses elementos no ano pandêmico de 2020.

Relendo A Dinâmica da Transferência

Através de comentários a partir de uma releitura de *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912), destacarei alguns aspectos que me parecem importantes sobre esse conceito seminal.

A primeira coisa que me chama a atenção é a nota de rodapé da primeira página, em que Freud se defende do que considera a injusta objeção de só valorizar as impressões infantis, negligenciando os fatores inatos (constitucionais), o que atribui à “estreiteza da necessidade causal das pessoas, que, contrariamente à confi-

1 Uma versão modificada deste trabalho foi publicada em 2021 com o título de *Transferencia, contratransferencia, enquadre y campo analítico: evoluciones*. Colección Pilares del Psicoanálisis Contemporáneo, Buenos Aires, APA Editorial.

A intimidade compartilhada no campo analítico¹

Intimidade (do latim, *intimus*) é geralmente definida como uma experiência interna, uma relação consigo mesmo e com o(s) outro(s), uma relação pessoal próxima, familiar e geralmente afetiva ou amorosa, uma associação próxima ou conhecimento detalhado ou compreensão profunda de uma pessoa, lugar, assunto, período da história, etc., relação sexual, a qualidade de ser confortável, caloroso ou familiar.

A relação analítica nos oferece o cenário para compartilhar com nossos pacientes a narrativa de suas vidas, seus sofrimentos psíquicos e a história de sua intimidade, agressividade e suas solidões inevitáveis. Entre as muitas contribuições para a compreensão do que acontece na relação analítica, após o estabelecimento seminal por Freud dos fundamentos da psicanálise, acredito que devemos a Melanie Klein e Bion os conceitos e *insights* que inauguram um novo paradigma, e a Racker (1973), Heimann (1950) e os Barangers (1961-2) as noções de contratransferência e de campo analítico que permitiram aos analistas de hoje trabalhar mais próximos da emoção compartilhada em cada sessão.

Estamos compartilhando o luto pela perda recente de nossa querida Madeleine Baranger (em julho de 2017). Assim, como uma forma de participar da sua dolorosa elaboração, voltei a alguns de seus escritos, principalmente o maravilhoso artigo escrito nos anos sessenta com Willy Baranger. Começarei destacando

1 Uma versão deste trabalho foi apresentada no 50º Congresso Internacional da IPA, em Buenos Aires, em 2017.

Em busca do infantil na velhice¹

Sobre o infantil

Como sabemos, graças a Freud, os anos da infância desempenham um papel central na estruturação do aparelho psíquico, e as diferentes formas de prazer e sofrimento experimentadas nesse período da vida irão moldar e lançar luzes e sombras sobre as outras etapas do ciclo vital humano.

Neste trabalho, após caracterizar o infantil nos termos propostos por Winnicott e Guignard, examinarei alguns aspectos do envelhecer e da escuta analítica à medida que o analista envelhece e, por fim, descreverei, com base em fragmentos de um caso clínico, como pode ocorrer a busca do infantil na velhice.

Em 1935, Borges publicou um livro de contos intitulado História universal da infâmia. A dedicatória, escrita em inglês na obra original, diz: “Dedico este livro a S.D. Ofereço a ela aquela semente de mim mesmo que salvei, de alguma maneira: o núcleo central que não lida com palavras, não transita em sonhos e que permanece intocado pelo tempo, pela alegria, pelas adversidades”. Acredito que Borges se refira aqui ao que podemos caracterizar como o infantil.

Winnicott (1951) sugeriu que, nos estádios iniciais do desenvolvimento, as pulsões podem ser sentidas como externas, como o som de um trovão ou um estrondo, pois o bebê ainda não tem

1 Uma versão modificada deste capítulo foi apresentado com o título *Searching for the infantile in old age*, no Congresso Internacional da IPA de 2019, realizado de forma virtual. Outra versão deste capítulo, com o título *Em busca do infantil na velhice*, foi publicada na Revista de Psicanálise da SPPA, 29(3):413-422, 2022.

A maleta do analista¹

em coautoria com Adriana Rispoli, Ana Cristina Azambuja Tofani, Cátia Olivier Mello, Lúcia Chassot Rubin, Maria Lucrecia Sherer Zavaschi, Marta Helena Rubbo Pacheco e Regina Orgler Sordi.

Introdução

A partir de uma metáfora apresentada no livro de Antonino Ferro e Luca Nicoli (2017), *The New Analyst's Guide to the Galaxy – Questions about Contemporary Psychoanalysis*, ocorreu aos autores a possibilidade de estudar como cada analista comporia a sua própria maleta simbólica, como a dos antigos médicos de família, utilizando os conhecimentos analíticos adquiridos ao longo de sua vida, bem como sua análise e momento pessoal com cada paciente. Para tanto, a ideia subjacente seria de que poderíamos tentar identificar quais ferramentas **do psicanalista** (tais como curiosidade, surpresa, tolerância ao não-saber, ao estranhamento na escuta analítica) e quais ferramentas **da psicanálise** (tais como os conceitos de inconsciente, transferência, sexualidade infantil e associação livre) estariam sendo utilizadas. Tais ferramentas, num determinado ponto, poderiam estar em uso de acordo com a especificidade daquela dupla e apontariam para o nascimento psicológico do paciente ou da dupla analítica (caso, por exemplo, a surpresa ou o estranhamento fossem o que mais chamasse a

1 Trabalho apresentado no 32º Congresso da FEPAL “Des-construções e transformações”. Lima (PER), 2018.

Vivendo tempos caóticos na clínica psicanalítica¹

Atualmente, estamos passando por tempos caóticos em quase todo o mundo, sob várias expressões, incluindo guerras, polarizações tóxicas, desastres climáticos, ameaças e violência contra os direitos humanos e minorias, ditaduras, fome. Tanto autores psicanalíticos, quanto nossas instituições locais, regionais e a IPA tem refletido, discutido e se posicionado publicamente sobre várias dessas expressões da pulsão de morte e destrutividade (por exemplo, Eizirik, 2023,2024).

Durante esses tempos caóticos, o que acontece com a escuta analítica e outros aspectos principais da prática clínica?

A relação analítica nos oferece um palco onde os pacientes podem compartilhar conosco a narrativa de suas vidas, seus sofrimentos psíquicos e a história de sua intimidade, agressividade e sua solidão inevitável. Um de nossos principais desafios é desenvolver a complexa função da escuta analítica, sobre a qual desenvolvi minhas observações e ideias em outros capítulos do livro.

As enchentes de 2024, a escuta analítica e a prática clínica

Em maio de 2024, chuvas torrenciais castigaram o Rio Grande do Sul por quase três semanas. Em 2 de maio, oito das cidades mais chuvosas do mundo estavam em nosso Estado. Centenas de pessoas morreram, desapareceram ou ficaram feridas. Seiscentas mil pessoas ficaram desabrigadas ou deslocadas. Milhares ficaram sem água potável ou eletricidade por dois meses, e quatro

¹ Trabalho originalmente apresentado no 54º Congresso da IPA, em Lisboa, em 2025.

Tradição-invenção em psicanálise¹

*La prosa convive con el verso: acaso para la imaginación
ambas son iguales. Felizmente no nos debemos a una
sola tradición: podemos aspirar a todas.*

Jorge Luis Borges

*O problema não é inventar. É ser inventado hora a hora
e nunca ficar pronta nossa edição convincente.*

Carlos Drummond de Andrade

O binômio tradição-invenção pode ser considerado uma feliz síntese da psicanálise, quer se pense em sua teoria, em sua prática, em sua aplicação a outras áreas do saber ou ao próprio movimento psicanalítico e suas instituições.

Quando inventou a psicanálise, e aqui já temos uma possível discussão – foi ela uma descoberta ou uma invenção? – Freud não podia ignorar nem deixar de construí-la a partir de distintas tradições: a tradição científica de seu tempo, a atmosfera cultural em que vivia, na Viena *fin-de-siècle*, a tradição das culturas que mais conhecia, a grega e a hebraica, e a própria tradição judaica em que cresceu.

Ao ser transposta para a América Latina, na bagagem de Garma, a psicanálise já vinha modificada, pelo percurso mental

1 Uma primeira versão deste escrito (aqui reformulado) foi publicada com o título *Trajeto possíveis entre a invenção e a tradição* foi publicada em Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise, volume 10, n 1, p.20-26, 2012.

As cidades do analista¹

Como todas as pessoas, o analista habita e é habitado por várias cidades: aquela em que nasceu, aquelas em que viveu, as que visitou ou deseja visitar, aquelas com que sonha ou que imagina. Mas seu particular ofício oferece-lhe também distintas geografias que deve palmilhar a cada dia: as cidades que habitam seus pacientes, ou com que sonham, ou que desejam habitar. E nesses percursos compartilhados, muitas vezes os papéis de Virgílio e Dante se alternam, nessas descidas aos infernos do mundo interno, ou no trajeto do purgatório, com raros vislumbres de paraísos possíveis. Não por acaso, os primeiros versos da inscrição na Porta do Inferno(Alighieri, 1321, p 17)) são :“ *per me si va nella città dolente*”. (por mim se vai à cidade dolente/sofrida).

Mas além desses percursos, há outras cidades na mente e na memória do analista, cidades irrecusáveis como Viena, onde tudo começou, ou outros caminhos freudianos: Roma, Trieste, Berlim, Londres, Paris, Atenas, Veneza, Hamburgo...

Viajante infatigável, Freud estabeleceu com esse hábito um paradigma para seus seguidores, que, aliado às vicissitudes históricas e políticas, torna muitos analistas pessoas que gostam ou precisam deslocar-se, migrar, mudar de ares, buscar novas paisagens ou novos cenários para seus intermináveis congressos, reuniões, férias... Ao mesmo tempo, há uma condição de estrangeiridade em muitos analistas, a começar por Freud. Conforme Ricci, em seu belo livro “*As cidades de Freud*”, considerar-se estrangeiro para o verdadeiro viajante ainda é pouco. E provir do exílio não basta

1 A primeira versão deste escrito (aqui reformulado) foi apresentada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) em 12/4/2008 e publicada no livro *A Psicanálise nas tramas da cidade*, de Bernardo Tanis e Magda Guimarães Khouri, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2009.

Psicanálise como uma obra em construção¹

*Para servir-vos, braço às armas feito, Para
louvar-vos, mente às Musas dada.*
Camões, 1572, p. 529

Com essas palavras de Camões, que expressam minha atitude mais profunda em relação à psicanálise, recebo a presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) das mãos honradas e íntegras do Prof. Daniel Widlocher.

De um ponto de vista pessoal, viver este momento, na companhia de minha família e de tantos amigos e colegas, evoca também uma expressão de um personagem da campanha gaúcha, o Liroca, fruto da mente criativa de Erico Verissimo, que, ao se deparar com uma situação nova, surpreendente e meio incrível, exclamava: “Eta mundo velho sem porteira!” (1961, p. 34)

Vivemos um particular momento de nossa disciplina e de nossa Associação. Estamos reunidos pela primeira vez no Brasil, pela terceira na América Latina e celebramos, nesses dias, um dos mais frequentados e bem organizados congressos dos últimos anos.

Temos ouvido que a psicanálise está em crise e acompanhamos, ao mesmo tempo, um crescente interesse por nossas teorias,

1 Discurso proferido em 31 de julho de 2005 no 44º Congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), no Rio de Janeiro, na cerimônia de posse como presidente da IPA.
Psychoanalysis as a work in progress, *The International Journal of Psychoanalysis*, vol 87, n.3, pp 645-650.
Revista de Psicanálise da SPPA, v. 12, n. 2, p. 217-226, agosto de 2005.

A psicanálise em um mundo em transformação¹

*Zog nit keyn mol az du geyst dem letztn veg, Khotsh himlen
blayene farshteln bloye teg; Kumen vet noch undzer oysgebenkte
sho, S'vet a poyk ton undzer trot – 'mir zaynen do!'*

*Nunca digas que estás indo o teu último caminho. Embora os céus
cobertos de chumbo encubram os dias azuis. Nossa hora prometida logo
chegará. Nossos passos de marcha ecoarão: 'Nós estamos aqui!'*

Com estas linhas, em iídiche, começa a canção escrita por Hirsh Glick na Floresta de Vilna para os partisanos judeus que lutavam contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Com o tempo, a canção se espalhou por todas as florestas, não apenas no Leste Europeu, mas por todo o mundo, unindo todos os que lutavam contra os exércitos do Eixo e, após a guerra, recordavam as batalhas durante aquele tempo terrível. Esta expressão de resistência contra a opressão ilustra como a mente humana é capaz de suportar e sobreviver sob as condições mais extremas de sofrimento e desespero.

1 Discurso Presidencial de abertura do 45º Congresso da IPA em Berlim, 25 de julho de 2007.
Eizirik, CL (2008) Psychoanalysis in a changing world, Int J Psychoanal, 89:11-14.
Eizirik, CL (2008) Psicanálise em um mundo em transformação, Revista de Psicanálise da SPPA, 15, n.1:11-17.

O pai, a função paterna, o princípio paterno: considerações a partir de aspectos da vida e da obra de Carlos Drummond de Andrade¹

Introdução

Desde o seu começo, a psicanálise tem utilizado diversas maneiras de abordar e tentar descrever ou buscar o sentido dos múltiplos aspectos da existência humana. Entre os muitos desafios, defronta-se com a figura complexa e de alguma forma misteriosa ou enigmática do pai, e também com a sua influência em toda a vida dos filhos e até nas gerações posteriores.

Neste capítulo, abordarei algumas contribuições seminais de Freud sobre o papel do pai e as suas relações conflitantes com os filhos. Descreverei também algumas contribuições mais recentes de autores franceses. Para ilustrar tais ideias psicanalíticas sobre o papel do pai, apresentarei alguns aspectos da vida e da poesia de Carlos Drummond de Andrade (1956, 1963, 1984, 1996, 2000), que considero o poeta brasileiro mais importante do século XX.

1 Publicação original: Eizirik, C. L. (2015). *The father, the father function, the father principle: some contemporary psychoanalytic developments*. *The Psychoanalytic Quarterly*, 84 (2): 335-350, DOI: 10.1002/psaq.12003



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM em MAIO de 2026.